

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E OS GÊNEROS TEXTUAIS

Manoel Guilherme de Freitas

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

mguilhermedefreitas@hotmail.com

Resumo Este artigo foi fruto da disciplina *Leitura e Produção de texto I*, ministrada pelo professor Mestre Manoel Guilherme de Freitas, no período de 20 de maio a 08 de junho de 2016, no polo, de Pau dos Ferros – RN, do Instituto de Educação Superior Clara Vitória. Nesta disciplina foi possível entender que o ensino de Língua Portuguesa no país está mudando no sentido de novos conceitos e de sua auto-afirmação. Portanto, essencial à formação de novos leitores e de produtores de texto em potenciais na língua. Assim sendo, está rompendo com a tradição gramatical em função do uso do texto, logo dos gêneros textuais/discursivos como entidades concretas e reais da língua. Para tanto, conceitos-chave foram apresentados nesta disciplina, a saber: o de texto, discurso, gêneros textuais, textualidade, modalidades de uso da língua e a interação com os falantes/usuários da língua nas diversas potencialidades linguageiras, além da interlocução social dos sujeitos. Por fim, a compreensão das concepções didático-pedagógicas do ensino de Língua portuguesa no contexto atual, o Estruturalismo linguístico sendo-o ultrapassado e a Interação linguística como condicionante à fala e à escrita dos sujeitos nativos da língua, essenciais, portanto ao processo de mediação e de interlocução no processo ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Interação, Ensino, Ensino Aprendizagem.

I INTRODUÇÃO

Este artigo foi produzido a partir da disciplina: *Leitura e Produção de texto I*, ministrada pelo professor mestre Manoel Guilherme de Freitas, durante o período de 20 de maio a 08 de junho de 2016, com a carga horária de 20h/a, no polo de Pau dos Ferros - RN, do Instituto De Educação Superior Clara Vitória, da rede particular de ensino superior.

Assim, o texto- artigo versa sobre a mudança do ensino de Língua Portuguesa no que tange aos pilares norteadores da prática educativa, a saber: leitura, escrita/produção de texto, interpretação textual, notadamente concernente à mudança necessária não só na formação do professor, mas, principalmente, no ensino, de maneira que os alunos possam assumir uma posição de sujeito no processo ensino-aprendizagem constante.

Portanto, o artigo foi uma exigência do curso Pedagogia para que possamos cumprir a carga horária complementar de uma das disciplinas do curso. Para tanto, foi exigido à produção de paper, assim pela relevância na formação do pedagogo, escolhemos a de *Leitura e de Produção de texto I*, dada à notoriedade do leitor no mundo moderno, ser fundamental à sociedade.

Por fim, vai de encontro com as necessidades e as aspirações dos leitores e de produtores de texto, pois mostra que houve a ruptura de um modelo estanque de ensino de leitura e de escrita, em função de práticas ousadas, revolucionárias, tendo no uso dos gêneros textuais o elemento central do processo ensino–aprendizagem.

A disciplina oportunizou discussões, estudos, reflexões em torno do ensino, obviamente sobre a leitura e a escrita dos discentes nas séries iniciais do Ensino Fundamental das escolas públicas brasileiras, especialmente vendo os gêneros textuais com ferramenta básica de ascensão e promoção social discentes.

Assim, conceitos de texto, discurso, gêneros textuais/discursivos, hibridização entre gêneros, intertextualidade tipológica, enfim uma diversidade deles, sendo-os fundamental à formação cultural dos alunos-cursistas, daí uso de textos diversos, vídeos, reflexões, leituras, produções textuais, dentre outros utilizados.

II DISCUSSÕES TEÓRIAS E RESULTADOS

Os gêneros são uma realidade e necessidade emergente no ensino de Língua Portuguesa, pois toda ação humana se “materializa em algum gênero textual específico” (MARCUSCHI, 2008), assim como todo texto encontra ancorado em alguns destes gêneros textuais. Mesmo assim, nem sempre existiu essa diversidade, se levar em consideração a escrita, haja vista que, no início da humanidade, eram poucos, limitando mais à literatura, através do estudo dos gêneros literários na Grécia antiga, tendo nos filósofos: Platão e Aristóteles principais representantes. Acerca disso, Marcuschi (apud DIONÍSIO, 2002, p. 20) afirma

Uma simples observação histórica do surgimento dos gêneros revela que, numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII A.C, multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros expandiram-se com o florescimento da cultura impressa para na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dá início a uma grande ampliação.

Portanto, os gêneros surgiram condicionados às necessidades humanas e sociais. Pois, eles se prestam às mais variadas formas de expressão comunicação entre os indivíduos. Por conseguinte, quanto mais desenvolvida for à sociedade, mais favorecerá o aparecimento de novos

gêneros textuais, estes ligados tanto às transformações econômicas, comunicacionais quanto às tecnológicas.

Dessa forma, o homem só se comunica utilizando um gênero textual específico de acordo com as aspirações e necessidades imediatas. Assim sendo, conforme linguistas já referenciados, eles são “plásticos, dinâmicos e se encontram nas diversas esferas sociais de comunicação e socialização” (BAKHTIN, 2002). Logo, não há como não partir deles no ensino, tanto pela sua dinamicidade quanto sua comodidade.

Nesse sentido, os gêneros possibilitam reflexão, diálogo, interação entre os sujeitos socialmente envolvidos, na busca de novos sentidos e, ao mesmo tempo, a efetivação de uma prática de ensino que leve à interlocução entre os falantes reais da língua. No entanto, a ânsia pela qualidade no ensino, nem sempre é possível, quando não redimensionar os problemas referentes à “leitura, compreensão textual e a produção escrita” PCNs (2001).

Para tanto, deverá começar com a abdicação da tradição gramatical, que não transcorre, a partir do uso da frase estanque, ou seja, da “análise transfrástica” (KOCH, 1994), para chegar às políticas de ensino transformadoras, em função de uso de novos horizontes, de forma que se superem as deficiências existentes no que tange à leitura, à escrita e à produção textual dos alunos.

Dito de outra forma, enquanto o ensino de Língua materna reforçava a estrutura da língua, a norma socialmente privilegiada da sociedade, chamada norma culta, feita através de enunciados soltos, portanto fora de uma situação real de comunicação, paralelamente aparecia novos gêneros textuais. Contudo, tais gêneros foram sendo estudados esporadicamente, apenas em ocasiões restritas, sejam tais estudos deles realizados por modismo ou, simplesmente, para atender às necessidades circunstanciais da sociedade emergente.

Conforme já mencionado, após o advento das novas tecnologias, das concepções de linguagem diferentes, os gêneros passaram a ser incorporados pelos professores nas salas de aula, ganhando assim em dimensão, profundidade e utilidade. Daí poder associá-los às situações práticas do cotidiano, até por que, o homem não se comunica a não ser por meio de textos e não por fragmentos isolados. Nesse sentido, Dionísio (2002, p. 19) menciona que:

Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

Assim sendo, conforme linguistas já referenciados, eles (gêneros) são “plásticos, dinâmicos e se encontram nas diversas esferas sociais de comunicação e socialização” (BAKHTIN, 2002). Neste *lôcus* não tem como não partir deles no ensino, tanto pela sua dinamicidade quanto sua comodidade.

Dessa forma, os gêneros possibilitam à reflexão, o diálogo, a interação entre os sujeitos socialmente envolvidos, na busca de novos sentidos e, ao mesmo tempo, a efetivação de uma prática de ensino que leve à interlocução entre os falantes reais da língua, partindo sempre de situações locutores, onde os sujeitos possam atuar discursivamente e interativamente pelo viés da língua.

De acordo com este pensar social acerca da língua, foi que a necessidade social despertou/emergiu para a existência de novos gêneros textuais, sendo que cada um deles têm usos e especificidades inerentes à comunicação exigida para os quais foram criados. Assim sendo, não há como não se trazer à sala de aula através de estratégias, que sejam ousadas e diversificadas na leitura e modalidades afins, fazendo uso dos recursos textuais, como a: intertextualidade, a retextualização, a hibridização mediados pelo professor-leitor, para que o processo ensino-aprendizagem consiga, efetivamente, formar alunos-leitores.

Assim sendo, os gêneros são múltiplos e heterogêneos e não estanques. Logo, podem colaborar para o ensino, haja vista que dá opções ao professor para que este possa trabalhar a leitura, a escrita, a produção textual de maneira produtiva e intensiva, sem que se recorra à pedagogia da cópia.

De outro modo, os gêneros são uma realidade e uma necessidade emergente no ensino de Língua materna, pois toda ação humana se “materializa em algum gênero textual específico” (MARCUSCHI, 2008), assim como todo texto encontra ancorado em alguns destes gêneros textuais emergentes na sociedade moderna.

Mesmo assim, nem sempre existiu essa diversidade, se levar em consideração à escrita, haja vista que, no início da humanidade, eram poucos, limitando, apenas, mais à literatura, através do estudo dos gêneros literários na Grécia antiga, tendo nos filósofos: Platão e Aristóteles os seus principais representantes. Acerca disso, Marcuschi (apud DIONÍSIO, 2002, p. 20), salienta que:

Uma simples observação histórica do surgimento dos gêneros revela que, numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII A.C, multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros expandiram-se com o florescimento da cultura impressa para na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dá início a uma grande ampliação.

Portanto, os gêneros surgiram condicionados às necessidades humanas e sociais, pelo fato deles se prestam às mais variadas formas de expressão e de comunicação entre os indivíduos. Por conseguinte, quanto mais desenvolvida for à sociedade, mais favorecerá o aparecimento de novos gêneros textuais. De outro modo, é possível referenciar dizendo que estes estão diretamente ligados tanto às transformações econômicas, interacionais bem como às tecnológicas.

Dessa forma, o homem só se comunica utilizando um gênero textual específico de acordo com as aspirações além de suas necessidades imediatas. No entanto, a ânsia pela qualidade no ensino, nem sempre é possível, quando não redimensionar os problemas referentes à “leitura, a compreensão textual e a produção escrita” PCNs (2001).

Para tanto, deverá começar com a abdicação da tradição gramatical, que não transcorre do limite da frase, ou seja, “análise transfrástica” (KOCH, 1994), para chegar às políticas de ensino revolucionárias, em função de aparato técnico de estratégias diversificadas, de forma que supere as deficiências nas modalidades plurais de ensino.

Dito de outra forma, enquanto o ensino de Língua portuguesa reforçava a estrutura da língua, a norma socialmente privilegiada da sociedade, chamada de culta, feita através de enunciados soltos, Ainda assim fora de uma situação real de comunicação, paralelamente aparecia novos gêneros diversificados a todo o momento.

Contudo, estes foram estudados esporadicamente, apenas em ocasiões peculiares para atender às necessidades circunstanciais da sociedade. Conforme já mencionado, após o advento das novas tecnologias, das concepções de linguagem diferentes, os gêneros passaram a serem incorporados pelos professores nas salas de aula, ganhando em dimensão, profundidade e utilidade. Falando nisso, é possível associar às situações práticas do cotidiano, até por que, o homem não se comunica a não ser por meio de textos e não por fragmentos isolados. Nesse sentido, Dionísio (2002, p. 19) menciona:

Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

Vale salientar que a necessidade social permitiu que novos gêneros textuais surgissem, sendo que cada um deles têm usos e especificidades inerentes à comunicação para os quais foram criados e estão aí à disposição do professores para que façam diferença nas vidas dos alunos cotidianamente. Nesse contexto, pode-se reforçar que o homem só se comunica utilizando um gênero textual específico de acordo com as aspirações e necessidades imediatas.

Assim sendo, conforme linguistas já referenciados, eles são “plásticos, dinâmicos e se encontram nas diversas esferas sociais de comunicação e socialização” (BAKHTIN, 2002). Logo, não há como não partir deles no ensino, tanto pela sua dinamicidade quanto pela sua comodidade. Dessa forma, os gêneros possibilitam a reflexão, o diálogo, isto é, a interação entre os sujeitos de uma prática de ensino, que leve à interlocução entre os falantes reais da língua.

No entanto, a ânsia pela qualidade no ensino nem sempre é possível, quando não se redimensionar os problemas referentes à “leitura, compreensão textual e a produção escrita” PCN (1998). Para tanto, deverá começar com a abdicação da tradição gramatical/norma, que não transcorra do limite da frase, ou seja, “análise transfrástica” (KOCH, 1994), para chegar às políticas de ensino não silenciadas, ou melhor omissas em função de um repensar a prática pedagógica, mediante sequências didáticas inovadoras.

III Considerações Finais

O texto mostrou a relevância que tem a mudança do ensino de Língua portuguesa na formação do aluno-leitor, aluno-sujeito, ainda, tão deficitário devido às políticas públicas existentes nas escolas brasileiras. Por outro lado, mostrou, também, nesta disciplina: *Leitura e Produção de texto I*, que outro ensino pode ser possível, especialmente quando de objetivou a interação, logo a interlocução com os sujeitos nativo-falantes da língua.

Assim sendo, caiu por terra à figura intransponível do professor em prol de um ensino de Língua portuguesa que fosse mediador, inovador, decerto articulador do processo ensino-aprendizagem, dialogizando, bem como construindo conceitos reais e significativos de uso linguístico, sem partir, necessariamente, de conceitos laicos, ultrapassados, que só existiram numa gramática universal e não real aos usuários/falantes da língua.

Dessa forma, foi mostrada a interação linguística como concepção didático-pedagógica pautada nos fatores sociais, lingüísticos, afinal, essencial à formação do leitor proficiente, além do fato de possibilitar ser produtor de textos reais nessa língua.

Por fim, a noção de gêneros textuais como condicionantes à melhoria do processo ensino-aprendizagem das escolas recentes, notadamente dando as informações necessárias ao despertar no uso da língua, sem que se recorra uma tradição fora dos falantes/usuários nativos desta língua.

IV Referências

BAKHTIN, Mikhail. (Volochínov). **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental - Língua Portuguesa, 1998.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

DIONÍSIO, Ângela Paiva (Orgs). **Gêneros textuais e ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de ler**. 21ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção de sentido**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **A coesão textual**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. & ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3ª. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Da fala para escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 1995. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).



VI SETEPE

VI Semana de
Estudos,
Teorias e
Práticas Educativas

_____. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 2001.